

As marcas cinzentas do lápis azul



O segundo livro de José Cardoso Pires, editado em 1952 e logo apreendido pela Censura, junta cinco narrativas de um escritor ainda em construção, mas já suficientemente incómodo para que o quisessem calar.

Quando publicou *Histórias de Amor* em Julho de 1952, na colecção de bolso da Editorial Gleba, José Cardoso Pires tinha 26 anos de idade e o rótulo de esperança da ficção nacional a pairar sobre a sua cabeça – fruto do aplauso, tanto da crítica como do público, com que fora recebido o seu primeiro livro: *Os Caminheiros e Outros Contos* (1949). Embora escrevesse com uma audácia temática e formal que já antecipava o grande escritor que veio a ser, este Cardoso Pires não é ainda o Cardoso Pires sólido dos livros seguintes (*O Anjo Acorado*, 1958; *O Render dos Heróis*, 1960) e muito menos o Cardoso Pires *vintage*, de *O Delfim* (1968) e *Alexandra Alpha* (1987). É, se quisermos, um escritor em construção, com os andaimes todos à vista.

Ainda assim, dos cinco textos, só «Week-End» – trôpego relato de um encontro adúltero, cheio de meias-palavras e silêncios – me parece dispensável. «Uma Simples Flor nos Teus Cabelos Claros» é um exercício curioso de narração paralela, que torna nítido o desajuste entre a suavidade do amor ideal (uma abstracção literária) e a aspereza concreta do quotidiano. «Romance com Data» retoma a atmosfera erótica de «Week-End», mas com um suplemento de ambiguidade na exposição da origem (e consequências) dos não-ditos entre os amantes. As duas melhores narrativas, porém, são o conto «Ritual dos Pequenos Vampiros», minuciosa descrição de um sórdido *gang bang* para os lados de Chelas, e a novela «Dom Quixote, as Velhas Viúvas e a Rapariga dos Fósforos», melancólico apocalipse da inocência em que já se detecta, aqui e ali, a voz do futuro romancista.

O principal interesse da reedição deste livro, feita por Nelson de Matos no momento em que se assinalam os 10 anos da morte do escritor, está no campo da Sociologia da Literatura. Em Agosto de 1952, um mês após a chegada destas *Histórias de Amor* às livrarias, a Censura apreendeu todos os exemplares à venda, alegando imoralidade e exposição de misérias sociais. Na altura, o censor sublinhou com o célebre lápis azul as partes do texto que justificavam a sentença. Nelson de Matos, ao assinalar esses cortes pela sobreposição de uma rede de cinzento sobre o texto original, permite-nos constatar a tacanhice absurda e a pudicícia paranóica (mas também a cegueira) de quem se encarregava de zelar pelos bons e brandos costumes. Em anexo, há ainda uma constrangedora carta de Cardoso Pires ao director dos serviços de Censura e três críticas da época (Mário Dionísio, Luís de Sousa Rebelo, Óscar Lopes), incompreensivelmente obcecadas com as influências americanas no estilo de JCP.

José Mário Silva

O livro *Histórias de Amor* foi lançado em Setembro pelas Edições Nelson de Matos.